

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (MAIO DE 2014)

Com base na **amostra representativa da IACA** (temos novamente 20 empresas, o que significa que o peso da amostra é de cerca de 78% da produção associada, tendo sido ajustados todos os dados, inclusivamente desde 2012), constata-se que **em maio de 2014** a produção se situou em 185 417 toneladas contra as 198 611 tons produzidas em maio de 2013, o que representa uma quebra de 6.6% relativamente ao período homólogo do ano passado, mantendo-se a tendência global de quebra que tem caracterizado o mercado nacional nos últimos 6 anos com a diferença de que, este ano, está a ser o setor avícola (e os “outros animais”), pelo seu peso na estrutura de produção, o principal responsável pela redução da oferta de alimentos compostos para animais, decorrente de uma natural diminuição da procura, sobretudo ao nível dos frangos de carne, consequência dos preços praticados pela grande distribuição.

Tal como no mês anterior, com menos um dia de fabrico (21 dias em maio de 2014, contra os 22 dias de 2013), a produção registou quebras em todos os subsectores: de -7.8% nos alimentos para aves, -7.1% nos bovinos, -1.6% nos suínos e -13.7% nos alimentos para outros animais. No entanto, apesar da redução significativa face ao período homólogo, tivemos a segunda maior produção anual de 2014 e um incremento de 1.1% comparativamente a abril. Por outro lado, se extrapolarmos estes dados e harmonizarmos os dias de fabrico, temos uma produção média diária em maio deste ano de cerca de 8 829 tons e no mês homólogo do ano passado, de 9 028 tons, ou seja, **a produção de alimentos compostos em maio terá registado, em termos “reais”, uma redução da ordem dos 2.2%.**

Mas não nos devemos iludir porque “a produção está lá”, ou seja, o mercado existe independentemente dos dias de fabrico. Temos uma conjuntura claramente negativa, sobretudo se tivermos em conta o passado recente e as perspectivas que se colocam ao futuro da pecuária no nosso País: um mercado que dificilmente pode crescer, numa situação tão adversa como a que nos encontramos, com tantos entraves e estrangulamentos, desde os problemas ligados às matérias-primas (OGM, substâncias indesejáveis, questões de qualidade e parametrização), ambiente, bem-estar animal e segurança alimentar, ao investimento, retracção do consumo e confiança na economia, sem esquecer a burocracia excessiva (para quando a simplificação e desburocratização de procedimentos, por exemplo ligados à exportação?), o esmagamento das margens provocadas pelas cadeias de distribuição que tornam impossível repassar os preços ao longo da cadeia alimentar.

É verdade que a Agricultura ganhou importância e peso político, que a própria banca apoia o Setor como nunca o fez no passado, fala-se muito do Agroalimentar, o ProDer teve um desempenho bastante satisfatório, mas ficamos com a sensação de que a Pecuária continua esquecida das prioridades políticas, apesar do discurso. Na Europa, o Setor também vai perdendo capacidade competitiva, enquanto assistimos a uma Agro-indústria pujante e que se assume como exportadora líquida mas a liderança não é dos produtos animais. Numa altura em que a União Europeia (principal importador e exportador mundial) está a negociar acordos comerciais da maior importância como, por exemplo, com os EUA, a Ucrânia ou o Mercosul, convém não esquecer a actividade pecuária como suporte de desenvolvimento económico e de equilíbrio territorial, em particular, nos países do Sul da Europa. No mínimo, temos de dispor das mesmas regras e instrumentos para podermos competir no mercado global, não podendo permitir que o nosso Setor seja usado como moeda de troca para outras actividades

que nada têm a ver com a Agroindústria e, em particular, com a agro-pecuária.

Portugal tem potencial para que a Fileira animal possa recuperar o peso do passado. Sabemos que a organização joga contra nós mas temos de saber aproveitar as oportunidades oferecidas quer pela reforma da PAC, quer, sobretudo, pelo futuro Programa de Desenvolvimento Rural para o período 2014/2020. Com um novo Parlamento Europeu a “funcionar” a partir deste mês de julho e uma nova Comissão a partir de outubro, veremos quais as prioridades políticas da “nova Europa” mas não podem ser outras que não o emprego, a competitividade, a inovação e conhecimento, o crescimento económico. O roteiro contra o “desperdício alimentar” promete alterações legislativas que podem ser favoráveis a maior abertura na legislação – farinhas animais, rotulagem, aproveitamento de coprodutos - mas é preciso maior simplificação e agilização de procedimentos para nos tornarmos mais competitivos, sem perder de vista a segurança alimentar que já é um ganho adquirido e, em nossa opinião, irreversível. Há, no entanto, que **combater os fundamentalismos e insistir nas evidências científicas como base às decisões políticas.**

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Maio 2013	Maio 2014	Variação (%)
AVES	97 421	89 789	-7.8
BOVINOS	42 325	39 304	-7.1
SUINOS	45 773	45 030	-1.6
OUTROS	13 092	11 294	-13.7
TOTAL	198 611	185 417	-6.6

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2012	2013	2014	VAR%2014/13
JANEIRO	205 424	189 328	188 884	-0.2
FEVEREIRO	197 894	172 053	168 216	-2.2
MARÇO	211 698	183 095	179 531	-2.0
ABRIL	195 560	191 697	183 406	-4.3
MAIO	206 978	198 611	185 417	-6.6
JUNHO	190 426	175 204		
JULHO	209 029	193 298		
AGOSTO	206 848	192 228		
SETEMBRO	173 583	183 177		
OUTUBRO	205 858	202 477		
NOVEMBRO	197 436	190 829		
DEZEMBRO	187 685	191 824		
TOTAL	2 388 419	2 263 821	905 454	-3.1

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	JAN-MAI 2013	JAN-MAI 2014	VAR %
AVES	452 861	420 410	-7.2
BOVINOS	195 758	202 856	3.6
SUINOS	220 655	224 410	1.7
OUTROS	65 510	57 778	-11.8
TOTAL	934 784	905 454	-3.1

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

	1000 TON							
	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014	2013	2014
JANEIRO	87	83	41	45	48	49	14	13
FEVEREIRO	84	76	36	38	41	42	12	11
MARÇO	91	85	37	40	42	44	13	11
ABRIL	94	87	40	41	45	45	13	11
MAIO	97	90	42	39	46	45	13	11
JUNHO	87		37		40		10	
JULHO	96		42		44		11	
AGOSTO	95		41		44		11	
SETEMBRO	88		41		44		10	
OUTUBRO	95		45		52		10	
NOVEMBRO	90		41		50		10	
DEZEMBRO	87		43		49		13	
TOTAL	1092	421	486	203	544	225	141	57

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012 e 2013, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a entrada de uma empresa na amostra

Neste quadro de acentuada preocupação e de enormes incertezas quanto ao futuro, foram 6 (6 no mês de abril), com mais duas relativamente estáveis, as empresas que registaram níveis de produção mais elevados que no ano anterior, representando 31.7% do total da amostra (27.8% em 2013), assistindo-se a uma relativa concentração da atividade, embora bastante longe de setores “similares” como são os casos da moagem e do arroz, como é do conhecimento de todos.

Entretanto, ao nível da produção acumulada, com os dados de maio, passámos de -2.2% para uma quebra de -3.1% nestes primeiros cinco meses de 2014, consequência da redução de 7.2% nos alimentos para aves e de uma contração de 11.8% nos alimentos para “outros animais”, insuficientes para compensar as subidas (já ténues) de 3.6% nos alimentos para bovinos e de 1.7% nos suínos. É certo que ainda em contraciclo com o ano anterior, mas é esta a tendência de 2014, **apesar da destacada liderança do mercado da**

produção de alimentos para aves (46.4% da produção da amostra, contra 48.4% em igual período de 2013).

Por outro lado, no que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em maio, depois de uma grande capacidade de resistência durante o primeiro trimestre, uma redução de 8.4% contra a já referida quebra de 6.6% do mercado global, demonstrando que este segmento continua relativamente bem posicionado, apesar de todas as dificuldades e da tendência para a verticalização, não só em Portugal mas a nível europeu e no mercado mundial. Em termos acumulados, o mercado livre apresentou, no período de janeiro a maio, uma diminuição de 2.8% (menos cerca de 10 000 tons produzidas) que compara com a quebra de 3.1% do total do mercado. Dentro da nossa amostra estatística, este segmento representou, no período de janeiro a maio, 39.3% da produção, contra os 39.2% de 2013, ainda assim, um incremento de 0.1%.

Relativamente aos **mercados pecuários**, na **avicultura**, os preços do frango apresentam cotações entre 0.85 e 0.95 €/kg de peso vivo, uma relativa quebra face ao mês anterior, com tendência de manutenção. Os ovos denotam atualmente uma estabilidade, com as cotações a variarem entre 0.80 e 0.95 €. No peru, a tendência é semelhante, situando-se as cotações em 2.25 €/kg carcaça.

Nos **bovinos**, na Bolsa de 3 de julho, que coincidiu com a realização da Assembleia Geral, cuja presidência é assegurada pela IACA e onde se falou da necessidade de credibilizarmos a organização, tornando-a uma efetiva referência para o mercado e no interesse da Fileira, assistimos a uma tendência de manutenção das cotações, ou seja, os novilhos nos 4.00 €, as vitelas 4.05 € e as vacas para abate 2.35 €/kg carcaça. Os operadores pensam que os preços poderão subir nas próximas semanas, não só pela influência do mercado espanhol – que, refira-se, está a abastecer-se de animais vivos em Portugal para depois exportar para o Médio Oriente, sobretudo animais de raça turina – mas porque a oferta é relativamente escassa e a procura já terá atingido o seu nível mais baixo, na sequência da crise que tem assolado o país. O período de verão será favorável, de acordo com as previsões dos analistas de mercado. Veremos se estas perspetivas, favoráveis, se confirmam. No leite, nada de novo, a não ser as preocupações perante um relativo arrefecimento dos preços e o impacto, potencialmente negativo, do fim das quotas e das ajudas previstas na reforma da PAC, num setor que é considerado “perdedor”. Refira-se que na apresentação das opções do Governo para a PAC, um documento que já foi entregue em Bruxelas e cujas linhas orientadoras foram apresentadas em 9 de junho na Feira Nacional da Agricultura, estão previstos montantes de 60 Milhões de € para os bovinos, 36 milhões para os pequenos ruminantes e 12.5 milhões de € para o leite no que respeita aos apoios ligados. Bruxelas vai ter de analisar e aprovar as diferentes escolhas dos Estados-membros, que têm de ser entregues a té dia 1 de agosto. Nos **suínos**, com uma subida de 0.001 €/kg carcaça na Sessão da Bolsa do Porco de 3 de julho, a conjuntura é indefinida e continua a ser dominada pelo embargo da Rússia à carne proveniente da União Europeia, pese embora as propostas apresentadas à Comissão Europeia por parte das autoridades russas de definir zonas de risco.

Do lado das **matérias-primas**, o recente Seminário ACICO 2014 mostrou perspetivas e baixas de preços, sobretudo no milho e na soja mas todos sabemos as particularidades do nosso mercado. A situação na Ucrânia continua tensa e bastante incerta, não se sabendo o que poderão acontecer aos TRQ a partir de outubro. A Comissão Europeia não nos deu respostas mas, como sempre, a competitividade do Setor depende da evolução dos preços das matérias-primas, pelo que é importante estar atento aos sinais e assegurar alguma cobertura, sobretudo para Portugal. Não nos esqueçamos da situação de há um ano atrás e a questão do “mercado invertido”....

